

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (PROFEPT)

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE ALAGOAS - CAMPUS BENEDITO BENTES

GUIA PRÁTICO

O Documentário como mediador do currículo
escolar indígena no Agreste alagoano

JOSÉ MONTEIRO DA SILVA JÚNIOR

RICARDO JORGE DE SOUSA CAVALCANTI

FICHA TÉCNICA

AUTOR / MESTRE

José Monteiro da Silva Júnior

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0562203836835128>



COAUTOR / ORIENTADOR

Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0562203836835128>



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Avançado Benedito Bentes
Biblioteca

370

S586d

Silva Júnior, José Monteiro da.

O documentário como mediador do currículo escolar no agreste alagoano / José Monteiro da Silva Júnior, Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti. – 2026.

36p. : il.

Produto Educacional da Dissertação - Cosmologias indígenas e educação profissional e tecnológica: o documentário como mediador do currículo escolar no agreste alagoano - (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2026.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Decolonialidade - Povos Indígenas. 3. Lei nº 11.645/2008. 4. Historiografia Indígena. I. Cavalcanti, Ricardo Jorge de Sousa. II. Título.

SU MÁ RIO

1. BREVES PALAVRAS INTRODUTÓRIAS	04
2. JUSTIFICATIVA	07
3. OBJETIVOS DE NOSSO TRABALHO	08
4. MÉTODO UTILIZADO E PERCURSO	09
4.1. E DIANTE DISSO, QUAL O PERCURSO?	11
5. O PAPEL DO DOCUMENTÁRIO	13
6. CARACTERIZAÇÃO DESTE PRODUTO	14
7. A SEQUÊNCIA DIDÁTICA PRODUZIDA	16
7.1. E A PRÁTICA PEDAGÓGICA?	17
7.2. ALTERNATIVAS DE MEDIAÇÃO	19
8. CONSIDERAÇÕES, QUE NÃO SE TENHAM COMO FINAIS	24
• REFERÊNCIAS	26

BREVES PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

A finalidade deste Guia Prático, além de fomentar a publicização do Produto Educacional “O Documentário como mediador do currículo escolar indígena no Agreste alagoano”, resultante de pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), na Instituição Associada (IA) Campus Benedito Bentes, do Instituto Federal de Alagoas (Ifal), é apresentar possibilidades para um Ensino da História e da Cultura dos Povos Indígenas Locais (Agreste Alagoano), em diálogo com as comunidades indígenas, com ênfase no Povo Tinguí-Botó de Feira Grande/ AL. . A pesquisa “Cosmologias Indígenas e Educação Profissional e Tecnológica: o Documentário como mediador do currículo indígena escolar no Agreste alagoano” foi motivado pela necessidade de elaborar uma discussão acerca de Práticas Pedagógicas e, principalmente, sobre o Currículo Escolar nas escolas não indígenas em vista da já promulgada Lei n.º 11.645/2008, que tornou obrigatório o Ensino da História e da Cultura dos Povos Indígenas.

01. INTRODUÇÃO (CONTINUAÇÃO)

Em nossa compreensão, o percurso para romper com estereótipos e preconceitos sobre os Povos Indígenas perpassa por um diálogo fecundo e qualificado entre agentes de letramento nas salas de aula onde atuam, neste caso, os/as professores/as. A partir disso, um diálogo entre a escola e a sociedade, que busque estratégias para promover uma educação capaz de articular os saberes tradicionais aos cânones curriculares, se projeta como essencial ante o nosso contato com a realidade local. O objetivo da pesquisa, desde a sua gênese, foi o de possibilitar reflexões sobre uma prática docente compromissada com a valorização e com o reconhecimento dos saberes, das trajetórias e das cosmologias indígenas locais.

Defendemos que as redes de ensino precisam dispor de condições materiais e em termos de formação continuada docente para que professores/as e estudantes possam acessar materiais didáticos e bibliográficos, cuja perspectiva seja o tratamento dessas cosmologias indígenas, a partir do combate a toda e a qualquer forma de estereotipia, mas também a promoção de situações didática que impliquem a valorização da autoria dos povos originários do/no contexto brasileiro e, mais especificamente, do/no estado de Alagoas, nordeste do Brasil, em vista do atendimento àquilo preconizado pela Lei n.º 11.645/2008.



OS AUTORES.

Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

01. INTRODUÇÃO (CONCLUSÃO)

O presente trabalho, materializado em formato de Produto Educacional, como vimos a tratar, atende a uma das exigências no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, o ProfEPT, no Instituto Federal de Alagoas e se alinha à Linha 1 de pesquisa, denominada: “Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica”, e, mais especificamente, integrando o seu Macroprojeto 1: “Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na Educação Profissional e Tecnológica”.

Fazemos votos de excelentes leituras e que o debate disposto/proposto possa aflorar outras possibilidades do trabalho voltado às Cosmologias Indígenas e possa ser fecundo de fomentar outras condições de repensar um currículo, de fato, inclusivo e contra-hegemônico,

OS AUTORES.



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

02. O CONTEXTO

A pesquisa partiu das inquietações que emergiram durante uma visita técnica por parte do autor deste Produto Educacional à Associação de Jovens Produtores Indígenas Tingui-Botó, realizada durante a sua atuação como docente da Rede Pública Municipal de Arapiraca/AL, acompanhando estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.

"Poucas são as escolas interessadas em ouvir e conhecer a comunidade fora do mês de abril, momento em que se comemora o Dia dos Povos Indígenas."

— Eré, indígena da etnia Tingui-Botó, no momento da visita.



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

Ele relatou, ainda, que as escolas do município Feira Grande/AL pouco se empenham em dialogar com a comunidade, apesar de a distância entre a sede urbana e o Território Indígena (TI) ser de apenas 4 km. Dessa forma, entendemos, com base nisso, que uma pesquisa que se proponha a analisar, compreender e apontar estratégias para o tratamento dessa questão seria de extrema relevância do ponto de vista social e acadêmico, tanto no plano local quanto na possibilidade de haver ressonâncias em outros espaços. Diante disso, compreendemos que os dados gerados a partir da pesquisa desenvolvida pode, ainda que de maneira incipiente, diante do abismo histórico por que passa esses povos, entrar em contato com alguns dos saberes e das vozes dos povos indígenas locais.

OBJETIVOS DO TRABALHO INVESTIGATIVO

O nosso objetivo central, no momento em que traçamos os propósitos para o desenvolvimento da pesquisa, foi o de investigar uma prática pedagógica que dialogue com a sala de aula e a História, a Cultura e os saberes tradicionais dos Povos Indígenas por meio da elaboração de um documentário como Produto Educacional (PE).

Ao passo que, como objetivos específicos, traçamos os seguintes:

- ◆ Elaborar um Documentário que medie o diálogo entre a sala de aula e os Povos Indígenas Locais;
- ◆ Cotejar os saberes relativos aos povos tradicionais com aqueles adquiridos pelos/as estudantes a partir da exposição de um documentário, coproduzido pela comunidade local de povos indígenas.



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajipitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

MÉTODO UTILIZADO E PERCURSO METODOLÓGICO ADOTADO

Para atingir os objetivos propostos, desenvolvemos, inicialmente, uma pesquisa social de caráter exploratório e de natureza qualitativa, baseada em uma pequena amostra de participantes. Essa etapa proporcionou uma compreensão aprofundada do contexto do problema, permitindo o contato com fatos ainda pouco estudados e difundidos sobre o tema (Chaer; Diniz; Ribeiro, 2011).

Considerando o caráter dialético e o enfoque nos/as participantes, bem como a busca não apenas pelo conhecimento convencionalizado, mas, sobretudo, com foco na pretensa resolução de problemas, o estudo foi conduzido por meio da pesquisa-ação, fundamentada na perspectiva de Thiollent (2011), e, ao mesmo tempo, alinhada àquilo que discutem Bezerra e Tanajura (2015), para quem:

A utilização da pesquisa-ação é feita sobre a concepção epistemológica de transformação das pesquisas em Ciências Sociais, como uma metodologia específica para indivíduos ou pequenos grupos. Ela se apresenta como um instrumento de trabalho e investigação de grupos ou coletividades de pequeno, ou no máximo médio porte, ou seja, atuando sobre uma visão microsocial (Bezerra; Tanajura, 2015, p.11).

A pesquisa-ação tem como concepção epistemológica a promoção da transformação social. Essa abordagem permite a participação direta do/a pesquisador/a no processo investigativo e contribui para a mudança da realidade, buscando a compreensão e a explicação da práxis a partir da perspectiva do próprio grupo participante.



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

04. O CAMINHO (CONT.)

Na consideração de que se trata de uma investigação concebida como ação política — por meio da qual o/a pesquisador/a e grupo participante atuam, colaborativa e cooperativamente, na busca por soluções para os problemas identificados e na transformação da realidade em foco —, pode-se afirmar que o estudo adotou um enfoque participativo (Bezerra; Tanajura, 2015).

Esse processo se deu porque, para além da coleta/geração de dados, tivemos contato com os processos que orientaram a pesquisa, apropriando-se da teoria acessada e aprimorando, com isso, as práticas adotadas ao longo do desenvolvimento do estudo realizado durante todo o curso da investigação-ação (Tripp, 2005).



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

E DIANTE DISSO, QUAL O PERCURSO METODOLÓGICO ADOTADO?

Para o desenvolvimento da pesquisa, iniciamos com o levantamento bibliográfico da literatura, ou, como convencionalmente, denominamos de Mapeamento Sistemático da Literatura (MSL), procedimento relevante em processos investigativos e que subsidiou um alinhamento à concepção teórica escolhida para o tratamento dos dados frente ao problema de pesquisa elencado. A partir disso, buscamos identificar o que foi produzido sobre o nosso tema, a fim de fundamentar o nosso estudo em um conhecimento aprofundado das pesquisas existentes, especialmente, nas áreas de Ensino e da Educação, com enfoque na Educação Profissional e Tecnológica de nível médio. Outrossim, identificamos as produções realizadas e as lacunas a serem exploradas (Rocha; Nascimento; Nascimento, 2018).

A primeira fase da pesquisa ocorreu na turma da terceira série do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Alagoas — Campus Arapiraca, composta por 32 estudantes. Após a apresentação inicial, foi aplicado um questionário, instrumento definido como uma “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas” (Gil, 1999, p. 128). Em seguida, a análise e a categorização dos dados obtidos pelo questionário — etapa fundamentada em Bardin (1977) — estruturaram o roteiro da entrevista aplicada aos/às especialistas na temática.



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

4.1. PASSO A PASSO (CONT.)



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

A segunda fase da pesquisa contou com a participação de licenciados/as indígenas egressos/as do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND), e também de docente especialista na temática indígena em Alagoas, Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto, docente efetivo da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal), Campus Palmeira dos Índios. As pessoas indígenas e o especialista participantes do estudo — por meio de entrevistas conduzidas com base no referencial teórico de Kaufmann (2013), que trata sobre a entrevista compreensiva, que aborda sobre a formalização de um conhecimento singular capaz de levar à formulação teórica enraizada nos fatos — ofereceram, de forma dialética, as informações, os conhecimentos e os saberes que compõem e materializam o Produto Educacional desenvolvido.

Em uma terceira fase, foi aplicada uma Sequência Didática (SD), definida como “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (Zabala, 2000, p. 18). Ao final do desenvolvimento da SD, foi aplicado um questionário semiestruturado (composto por questões fechadas e abertas) para a avaliação e a coleta de sugestões de revisão do documentário.

O PAPEL DO DOCUMENTÁRIO EM PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM MEDIADOS PELO USO DESSE RECURSO DIDÁTICO

Para Penafria (1999, p. 2), “o documentário trabalha os seus temas de modo criativo revelando algo sobre os fenômenos”. Já para Grierson (1979), a obra audiovisual deveria ter uma função social e pedagógica, atuando sobretudo como um instrumento de educação pública, ou seja, a nosso ver, uma estratégia de mediação pedagógica, em vista de que a sua função é

“[...] fazer um registro in loco da vida de pessoas e dos acontecimentos do mundo; apresentar as temáticas a partir de um determinado ponto de vista; tratar com criatividade o material recolhido in loco, podendo combiná-lo e recombiná-lo com outro material” (Penafria, 1999, p. 3).

Para Batista e Nunes (2018, p. 52), “o uso de documentários em conjunto com a leitura e a discussão de textos em sala de aula vem sendo utilizado há algum tempo por professores e encontra respaldo em pesquisas de vários teóricos que estudam métodos e metodologias inovadoras de ensino”. O documentário, como ferramenta educacional, tem grande potencial para contar histórias e narrativas, podendo ser utilizado para evidenciar as vozes e os saberes dos povos indígenas (Celarino; Stohr; Bresciani; Cadorin, 2022). Por meio das imagens e da veiculação de conteúdos, a ferramenta pode proporcionar um olhar mais acurado sobre a temática dos povos indígenas apresentada em contextos de mediação de ensino, isto é, neste caso, a sala de aula.



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

Defendemos, assim, que “a educação pode e deve utilizar-se de diferentes ferramentas para difundir pautas importantes atualmente, e com o instrumento audiovisual, seu alcance e influência podem ser ainda maiores” (Rhoden; Silva; Oliveira, 2019, p. 1). Pois, segundo Batista e Nunes (2018, p. 52), o documentário possibilita “a imersão através do olhar, o que estimula a capacidade preceptiva e imaginativa que, juntas, estimulam a capacidade cognitiva no processo de aprendizagem”. Esse processo favorece “tanto um acesso mais fácil às ideias presentes nos textos, como o estabelecimento de relações entre estas e suas experiências pessoais”, além de incentivar o debate e o envolvimento da “turma em um compartilhamento de experiências e de percepções de elementos que se relacionam aos assuntos abordados nas plinas” (Batista; Nunes, 2018, p. 55).

CARACTERIZAÇÃO DESTE PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional “O Documentário como mediador do currículo escolar indígena no Agreste alagoano” caracteriza-se na tipologia de Material Didático/Mídia Educacional, segundo a Ficha de Avaliação de Produtos Educacionais, voltada a mestrandos profissionais, desenvolvida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes.

Por ter a intenção de mediar o processo de ensino-aprendizagem (Rizzatti et al., 2020), o material poderá ser utilizado para combater visões preconceituosas, ao colocar em diálogo estudantes de escolas não indígenas — em especial do Ensino Médio Integrado — com as cosmologias dos povos indígenas locais.

Título: O Documentário como mediador do currículo escolar indígena no Agreste alagoano

Público-alvo: Docentes de História, Arte e Literatura, além de estudantes e de estudiosos da temática

Duração: 38min57seg. | **Ano de produção:** 2026

Disponível em: Youtube (<https://youtu.be/XlekSVIa6bI>) e Google Drive (<https://drive.google.com/file/d/1-O9ywwl3qDrHAhi-nbhn74kiobMFK8rA/view?usp=sharing>)

Sinopse: O Produto Educacional, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Alagoas (Ifal), Instituição Associada (IA) Campus Benedito Bentes, intenciona o estreitamento de diálogos a serem promovidos entre a sala de aula e os povos indígenas de Alagoas, com foco na etnia Tingui-Botó. A obra analisa narrativas de indígenas licenciados/as, egressos/as do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND) da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal), a fim de conectar as cosmologias tradicionais à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), e, com isso, enriquecendo, sobretudo, o ensino de História local com enfoque na valorização das cosmologias indígenas locais no contexto alagoano de ensino, em vista do desenvolvimento da pesquisa num dos campi localizado na região do Agreste alagoano.

EQUIPE E CRÉDITOS TÉCNICOS

PESQUISA E REALIZAÇÃO

JOSÉ MONTEIRO DA SILVA
JÚNIOR

NARRAÇÃO

BRUNA GOMES MONTEIRO

REVISÃO TEXTUAL

RICARDO JORGE DE SOUSA
CAVALCANTI

CAPTAÇÃO DE IMAGENS E ÁUDIO

LÍDIA MARIA DA SILVA SANTOS

ORIENTAÇÃO

RICARDO JORGE DE
SOUSA CAVALCANTI

TEXTO / ROTEIRO

JOSÉ MONTEIRO DA SILVA
JÚNIOR

EDIÇÃO / MONTAGEM

JOSÉ MONTEIRO DA SILVA
JÚNIOR

TRADUTORA E INTÉRPRETE EM LIBRAS

RAQUEL DUARTE VITAL
MARTINS MELO



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

Para um melhor aproveitamento, o PE demandou a elaboração de um artefato — ferramenta voltada à sua apresentação e utilizada como forma de sugestão para contato imediato e instruções quanto ao uso na prática docente —, no entendimento de que o Guia Prático subsidia o contato com todo o processo de pesquisa desenvolvido, mas também com a forma pela qual se acessa o documentário elaborado a partir do desenvolvimento de uma Sequência Didática, que é uma forma organizada, por módulos e/ou unidades para o tratamento do conteúdo, mediado pelo documentário produzido, em contextos de sala de aula, neste caso, mais especificamente, de ensino médio.

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA PRODUZIDA: FORMA ORGANIZATIVA VOLTADA AO TRABALHO PEDAGÓGICO NAS UNIDADES DE ENSINO PELO/A DOCENTE

A Sequência Didática (SD) elaborada se apresenta como um recurso metodológico utilizado para mobilizar os/as estudantes no que diz respeito à relevância de contemplação do Produto Educacional, de forma autêntica, com participantes indígenas e por especialista na temática no contexto alagoano, visando fomentar o contato com os conhecimentos prévios de estudantes, inseridos/as no nível médio de ensino, articulando-os aos saberes docentes sobre a temática em vista de componentes curriculares que, a priori, foram pensados de serem considerados para que a SD fosse levada a efeito.

TEMA GERADOR:

Povos Indígenas Locais

TIPOS DE CONTEÚDOS:

A SD baseou-se nas tipologias de conhecimento definidas por Zabala (2000) como factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais.

PÚBLICO-ALVO:

Discentes do Ensino Médio, inseridos/as no contexto de um dos campi da Rede Federal de Educação, na modalidade Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

DURAÇÃO DA SD:

5 aulas de 50 minutos cada

COMPONENTE CURRICULAR ENVOLVIDO:

História

OBJETIVO GERAL:

Promover o diálogo entre a sala de aula e a História, a Cultura e os Saberes dos Povos Indígenas locais.

RECURSOS:

Datashow, Notebook e dados dos Povos Indígenas pré-colombianos e atuais.

Dessa forma, buscamos elaborar uma atividade pedagógica que promovesse o debate, permitindo, com isso, a problematização da temática para que estudantes pudessem atualizar os seus conhecimentos prévios a partir de novos saberes, que, de fato, correspondem aos saberes locais.



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

E A PRÁTICA PEDAGÓGICA?

Antoni Zabala (2000, p. 18) define Sequência Didática (SD) como “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”.

AULA I

Objetivo: *Entrar em contato os conhecimentos prévios dos/as estudantes*

Entendemos, assim como aborda Freire (1987, p. 17), que uma pedagogia decolonial deve “ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade”. Assim, escutamos os/as estudantes externalizarem seus conhecimentos prévios, sejam eles aceitos ou não no contexto do componente curricular. Além disso, propomos situações-problema, em nível introdutório, que consideraram o conhecimento prévio dos/as estudantes, de modo a dar sentido aos novos conhecimentos (Correia, 2020).

AULA II

Objetivo: *Apresentar as narrativas dos Povos Indígenas no período pré-colombiano no cotejo com momentos da contemporaneidade*

Neste segundo momento, discute-se a potente presença dos povos indígenas, antes da chegada dos europeus, com base nos estudos de Luciano (2006) e Teao (2011), dois eminentes pesquisadores da História e da Cultura Indígena. Em seguida, apresentam-se dados do IBGE (2022), que apontam para uma visão panorâmica dessas populações na atualidade.



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

7.1. A ESTRUTURA (CONT.)

AULA III

Objetivo: *Apresentar o panorama atual dos Povos Indígenas alagoanos*

Nesta etapa, faz-se necessário (re)pensar que uma prática voltada à Educação Decolonial pressupõe a valorização de saberes, práticas e culturas historicamente invisibilizados pelo pensamento hegemônico (Cavalcanti; Santos, 2024). É com essa intenção que se apresentam aos/às estudantes os dados referentes aos Povos Indígenas de Alagoas, evidenciando a sua contemporaneidade.

AULA IV

Objetivo: *Exibir e promover o debate a respeito do Documentário produzido*

Nesta etapa pré-final, eleva-se, com a apresentação do Produto Educacional (documentário) elaborado, o seu propósito central, abordando como utilizar a narrativa dos Povos Indígenas como uma fonte histórica para o início de um diálogo qualificado na perspectiva da interculturalidade crítica, observando as dimensões cosmológicas (Rufino, 2017). Para isso, a apresentação do povo indígena Tinguibotó, do Agreste alagoano, como sujeitos do tempo presente, a partir de suas próprias vozes, é uma relevante forma de enaltecimento de suas narrativas, na consideração de suas vozes, com o fito de se fortalecerem histórias das comunidades indígenas locais (Bringman; Gottert, 2021).

AULA V

Objetivo: *Avaliar a mediação dos processos pedagógicos em sala de aula*

Na avaliação dialogada, busca-se identificar, por meio de relatos orais, advindos dos/as estudantes, os aspectos que mais lhes trouxeram interesse inerentes às atividades propostas, bem como entra-se em contato com os saberes coconstruídos a partir das narrativas indígenas acessadas, fomentando, assim, a discussão sobre a temática (Santos, 2022) e a avaliação qualificada do Produto Educacional elaborado.

7.1. A ESTRUTURA (CONT.)

ALTERNATIVAS DE MEDIAÇÃO DE DIÁLOGOS DURANTE A EXIBIÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL DOCUMENTÁRIO

O presente material propõe um roteiro de diálogo e reflexão desenvolvido para acompanhar a exibição do documentário centrado nas narrativas, que imprimem protagonismo, a partir de sucessivos relatos de resistência, dos povos indígenas de Alagoas, com especial destaque para o povo Tingui-Botó. Por meio de uma cuidadosa curadoria de referências acadêmicas, marcos legais e, sobretudo, de produções teóricas de autoria indígena — impulsionadas por políticas fundamentais como o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND) da Uneal —, o Produto Educacional elaborado apresenta uma narrativa que busca entrelaçar história, espaço e identidade.

Ao longo de sua exibição, o roteiro convida o espectador a refletir sobre temas urgentes, como 1) o papel vital das mulheres indígenas e 2) das associações de jovens na manutenção comunitária, bem como 3) a preservação estrutural de rituais e símbolos sagrados, a exemplo do Ouricuri. O documentário e as discussões propostas atuam como ferramentas de desconstrução de preconceitos enraizados, o que denominamos de estereótipos, advindos de uma estrutura colonialista, que desconsidera, historicamente, as narrativas dos povos indígenas e, ainda, relegam-lhes a sua contemplação, num currículo escolar pautado em experiências de “mundo civilizado”, exclusivamente, como alegam, no mês de abril, mais especificamente no dia 19 de abril. Em consonância com a Constituição de 1988 e a Lei nº 11.645/2008, a iniciativa consolida a necessidade de uma educação decolonial, garantindo, — com efeito, que vozes historicamente silenciadas/invisibilizadas pelo processo de colonização assumam o centro do debate para narrar as suas próprias cosmologias, que são contempladas por sucessivas lutas por território e a compreensão de outros modos de ser e de viver. No documentário, elencam-se em sequência aspectos centrais para a ampliação do debate, fomentando uma práxis articulada às tipologias de conhecimentos conceituadas por Zabala (2000):

2min12seg

Iniciamos o debate a partir da importância das políticas públicas que têm ecoado as vozes dos Povos Indígenas de Alagoas. A Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) vem ofertando o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND), desde 2018, para estudantes pertencentes às etnias indígenas do estado. Até 2026, o curso já formou mais de 200 licenciados/as, egressos/as entre as áreas de Geografia, História, Letras, Pedagogia e Matemática.

Sugestão de Texto: LOPES PEIXOTO, José Adelson; PEREIRA CAMPOS, Zuleica Dantas. Educação, direito e identidade: Licenciatura Intercultural Indígena em Alagoas – CLIND-AL. Revista Entre Rios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 96-121, 2022. Educação, direito e identidade: Licenciatura Intercultural Indígena em Alagoas – CLIND-AL. LOPES PEIXOTO, José Adelson; PEREIRA CAMPOS, Zuleica Dantas.

Link:

<https://periodicos.ufpi.br/index.php/entrierios/article/view/5186>

7.2. MEDIAÇÃO DE DIÁLOGOS (CONT.)

3min43seg

Uma discussão sobre as mulheres indígenas de Alagoas a partir de suas narrativas. O trabalho intitulado 'Mulheres Indígenas de Alagoas: histórias e resistências' discute o protagonismo das mulheres indígenas na luta por seus direitos e na manutenção das comunidades indígenas e pode servir, igualmente, como um material de apoio para o trabalho conjugado com o Produto Educacional elaborado [cite: 1, 139-140].

Sugestão de texto: CAMPOS, Vivia Maria. Mulheres Indígenas de Alagoas: histórias e resistência. Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas – CLIND. Universidade Estadual de Alagoas – Uneal. Palmeira dos Índios, 2025 [cite: 1, 141-142].

Link: https://drive.google.com/file/d/1V3ZI9VwCvYI66OUwapG3-DMrfbABptZ8/view?usp=drive_link



DESTAQUE HISTÓRICO DE LIDERANÇA

É imperativo frisar, em consonância com os fatos históricos validados e afirmados junto ao Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto, o pioneirismo de Lindaura Campos, consagrada como a primeira mulher a assumir a condição de liderança tanto religiosa quanto tribal na história do Povo Tingui-Botó[cite: 1, 65]. Sua trajetória representa um marco fundamental para a compreensão do protagonismo feminino na salvaguarda das tradições e na condução política e espiritual de sua comunidade.



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

7.2. MEDIAÇÃO DE DIÁLOGOS (CONT.)

5min16seg

O papel fundamental das associações indígenas na garantia de direitos, no acesso a políticas públicas e no fortalecimento da identidade étnica. O TCC intitulado 'Associação de Jovens Produtores Indígenas Tingui-Botó: história e perspectivas de coletividades', aborda o papel das associações indígenas no fortalecimento da identidade étnica do povo Tingui-Botó.

Sugestão de texto: SILVA, Eré Batista da. Associação de Jovens Produtores Indígenas Tingui-Botó: história e perspectivas de coletividades. Universidade Estadual de Alagoas, Trabalho de Conclusão de Curso. Palmeira dos Índios, 2025.

Link: https://drive.google.com/file/d/1LjtEz3aknQJJK6u_YbrCR25cs_tkqU9V/view?usp=sharing

6min32seg

O artesanato como instrumento de fortalecimento cultural dos Povos Indígenas. Em 'A Importância da Palha do Ouricurizeiro na Cultura Tingui-Botó', analisa o papel do artesanato de palha de ouricuri na consolidação e preservação da identidade do Povo Tingui-Botó.

Sugestão de texto: CAMPOS, Elias Roberto. A Importância da Palha do Ouricurizeiro na Cultura Tingui Botó. Licenciatura Indígena em História - CLIND. Universidade Estadual de Alagoas - Uneal - Palmeira do Índios, 2025.

Link: <https://drive.google.com/file/d/1GltAZouuF5-gBJxYIMedJM7K9GRbcKSi/view?usp=sharing>



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

7.2. MEDIAÇÃO DE DIÁLOGOS (CONT.)

7min23seg

As bases normativas para a investigação e o ensino da história e da cultura dos povos originários. A Lei n.º 11.645/2008 tornou obrigatório o Ensino da História e da Cultura dos Povos Indígenas, com o objetivo de construir uma educação compromissada com a valorização e o reconhecimento dos saberes, das trajetórias e das cosmologias indígenas.

Sugestão de texto: BRASIL. Lei Federal nº 11.645, de 10 de março de 2008. Brasília, DF, 2008

Link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2008/lei/l11645.htm

10min59seg

Perspectivas decoloniais para a articulação entre a práxis escolar e as realidades dos Povos Indígenas. Um caminho: “[...] as práticas cotidianas de professores e professoras indígenas, traduzindo conteúdos, linguagens e significados, assim como dialogando e praticando a colaboração intercultural, passa a produzir muitas questões para a própria escola não indígena. Assim, observamos que temos muito ainda a aprender com os povos indígenas no campo da educação” (Urquiza, 2022, p. 405).

Sugestão de texto: URQUIZA, Antonio Hilario Aguilera. Os povos indígenas e a educação decolonial. *Eventos Pedagógicos*, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 400-407, 2022.

Link: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/10654>

12min37seg

A indissociabilidade entre a constituição histórica e as lutas de resistência dos povos originários alagoanos. A história de Alagoas confunde - se com a do restante do Brasil: Desde a chegada dos europeus ao continente americano, a luta pelo reconhecimento e pelo respeito de seus territórios acompanha todo o processo histórico brasileiro.

Sugestão de texto: LIMA, Lucas Gama; OLIVEIRA, Amanda da Silva de; MIRANDA, Anderson Ribeiro. Indígenas, terra e território em Alagoas: uma análise geográfica da atualidade da resistência. *Revista de Geografia*, Recife, v. 36, n. 1, p. 133-153, 2019.

Link: <https://doi.org/10.51359/2238-6211.2019.236631>

7.1. A ESTRUTURA (CONT.)

QUADRO: FONTES PARA A HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS NO AGRESTE ALAGOANO

DISSERTAÇÃO	AUTOR	ETNIA	LINK
TERRITÓRIO INDÍGENA-BOTÓ: CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS, CULTURAIS, AMBIENTAIS E ECONÔMICAS	ENIEL ROBERTO DA SILVA	Tingui-Botó	https://drive.google.com/file/d/1pE9mAl_Z-ZqokM2tSSQqMaCureD6nx8U/view?usp=sharing
TERRITÓRIO INDÍGENA-BOTÓ: CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS, CULTURAIS, AMBIENTAIS E ECONÔMICAS	JENUINA DA SILVA SANTOS	Tingui-Botó	https://drive.google.com/file/d/10yu1DZM9g3jr5SBm_7eUcbMhR2ufPV-O/view?usp=sharing
CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR NA ALDEIA INDÍGENA TINGUI-BOTÓ, FEIRA GRANDE – AL	RONILSON ROBERTO DA SILVA	Tingui-Botó	https://drive.google.com/file/d/1CLKd9QeE4InCDhf2Qy_NGixlhq4vpWzN/view?usp=sharing
“PEGAR MENINO”: SABERES, PRÁTICAS E TRAJETÓRIA DE UMA PARTEIRA KARAPOTÓ PLAKI-Ô (AL)	CRISTIANE PEREIRA DOS SANTOS	Karapotó Plaki-ô	https://drive.google.com/file/d/1t-C_9qmU26qNuna41R360jKtLAjts0x/view?usp=sharing
A FORMAÇÃO DO POVO KARAPOTÓ PLAKI-Ô	EDUARDA TONONÉ SOUZA	Karapotó Plaki-ô	https://drive.google.com/file/d/1GjXs7qmHilfyxhtqYk_C1knR41G1pFhk/view?usp=sharing
KARAPOTÓ TERRA NOVA: CONSIDERAÇÕES ENTRE O VISTO E O VIVIDO	MARIA ALESSANDRA ALVARO SANTOS	Karapotó Terra Nova	https://drive.google.com/file/d/1VYy0bampriB1rlwPTVApDrN8bEVlveM/view?usp=sharing
HISTÓRIA DO POVO KARAPOTÓ TERRA NOVA	MARIA EDNALVA DE OLIVEIRA	Karapotó Terra Nova	https://drive.google.com/file/d/1d4eEsL3HpQYAdfAfCVvID76jH7mGrFhf/view?usp=sharing
ORIGEM E RESISTÊNCIA DO POVO KARAPOTÓ TERRA NOVA: FORMAÇÃO, CULTURA E IDENTIDADE	SUÉMESON APARECIDO DOS SANTOS SILVA	Karapotó Terra Nova	https://drive.google.com/file/d/14z3ZWHmBbx4G3yHkTrz-OeHLKjEw1Bic/view?usp=sharing

7.2. A ESTRUTURA (CONT.)

QUADRO: FONTES PARA A HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS NO AGRESTE ALAGOANO

DISSERTAÇÃO	AUTOR	ETNIA	LINK
MARANY: O PAPEL DA MULHER INDÍGENA PARA O POVO KARAPOTÓ TERRA NOVA	DÉBORA LARISSA DOS SANTOS	Karapotó Terra Nova	https://drive.google.com/file/d/1pE9mA1_Z-ZgokM2tSSQgMaCureD6nx8U/view?usp=sharing
A GEOGRAFIA E OS SABERES TRADICIONAIS DO POVO KARAPOTÓ PLAKI-Ô	DIANE TEODORO SIMÃO	Karapotó Plaki-ô	https://drive.google.com/file/d/10yu1DZM9g3jr5SBm_7eUcbMhR2ufPV-O/view?usp=sharing
CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR NA ALDEIA INDÍGENA TINGUI-BOTÓ, FEIRA GRANDE – AL	RONILSON ROBERTO DA SILVA	Tingui-Botó	https://drive.google.com/file/d/1CLKd9QeE4InCDhf2Qy_NGixlhq4vpWzN/view?usp=sharing
A GEOGRAFIA NA ARTE INDÍGENA: REPRESENTAÇÃO ANCESTRAL NA ALDEIA KARAPOTÓ TERRA NOVA	JOSÉ ELIVELTON DOS SANTOS INÁCIO	Karapotó Terra Nova	https://drive.google.com/file/d/1u0TqYf6VNWFr8r4V0A7h4UppmKDERNvt/view?usp=sharing
O PROCESSO MIGRATÓRIO DO POVO ACONÃ	MADSON DOS SANTOS TANONÉ	Aconã	https://drive.google.com/file/d/1GjXs7qmHilfyxhtqYk_C1knR4lGlpFhk/view?usp=sharing
A CULTURA KARAPOTÓ: ENTRE A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA	RODRIGO DOS SANTOS MARQUES ALVES	Karapotó Terra Nova	https://drive.google.com/file/d/1VYy0bampriB1rlwPTVApDrN8bEVlveM/view?usp=sharing
HISTÓRIA DO POVO KARAPOTÓ TERRA NOVA	MARIA EDNALVA DE OLIVEIRA	Karapotó Terra Nova	https://drive.google.com/file/d/1d4eEsL3HpQYAdfAfCV1D76jH7mGrFhf/view?usp=sharing

Outras fontes que evidenciam os povos indígenas de Alagoas a partir de suas vozes estão disponíveis no site do Grupo de Pesquisa em História Indígena de Alagoas (GPHIAL). Essa plataforma reúne todos os textos redigidos pelos indígenas egressos do CLIND e do PROLIND, Programas que têm sido fundamentais para a divulgação das Cosmologias Indígenas Alagoanas.

Link: <https://www.gphial-uneal.com.br/producoes-indigenas>

16min52seg

As trajetórias históricas e as lutas de resistência do Povo Tingui-Botó na preservação de sua identidade sociocultural. O Povo Tingui-Botó tem seu território localizado nos municípios de Feira Grande e Campo Grande; entretanto, a população reside na zona de transição entre o meio rural e o meio urbano de Feira Grande, no povoado Olho d'Água do Meio, que fica a apenas 3,5 km da sede do município

Sugestão de texto: SILVA, Eniel Roberto da. Território Indígena Tingui-Botó: características geográficas, culturais, ambientais e econômicas. Universidade Estadual de Alagoas, Trabalho de Conclusão de Curso. Palmeira dos Índios, 2025.

Link: https://drive.google.com/file/d/1pE9mA1_Z-QokM2tSSQgMaCureD6nx8U/view?usp=sharing.

16min52seg

A centralidade da identidade étnica dos Povos Indígenas do Agreste alagoano. Consoante às perspectivas dos Tingui-Botó e dos demais povos indígenas do Agreste alagoano: “[...] o Ouricuri é o que nos torna índios verdadeiros, que expressa nossa identidade étnica, para nós Tingui-Botó, participar desse ritual é tudo, para nós Tingui-Botó só é membro verdadeiro da aldeia, que pertence verdadeiramente ao grupo, aqueles que participam do ritual (Yaporé, 2018 apud Luiz, 2020, p. 40).

Sugestão de texto: LUIZ, Edvaldo. **A educação escolar indígena entre os Tingui-Botós.** 2020. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Arapiraca, 2020.

Link: <https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/3523>



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

23min53seg

A transcendência do domínio do visível na construção das cosmologias indígenas. A Cosmologia Indígena: “[...] espaço, natureza e trabalho são elementos inseparáveis, daí a importância dos aspectos socioculturais dessas populações em relação à luta pelo território de seus ancestrais para produzir e reproduzir sua forma de viver.” (Souza e Silva, 2021, p. 13)

Sugestão de texto: SOUZA, Francisco das Chagas Silva; SILVA, Valdo Sousa da. Conhecimentos tradicionais versus conhecimentos científicos? Em defesa de uma educação que religue os saberes. Educação Profissional e Tecnológica em Revista, Vitória, v. 5, n. Especial: Saberes dos Povos e Comunidades Tradicionais na composição da EPT, p. 4-22, 2021.

Link:

https://www.researchgate.net/publication/354918694_CONHECIMENTOS_TRADICIONAIS_VERSUS_CONHECIMENTOS_CIENTIFICOS_EM_D_EFESA_DE_UMA_EDUCACAO_QUE_RELIGUE_OS_SABERES

27min44seg

Os obstáculos estruturais e as representações estereotipadas no processo de reafirmação identitária indígena. Preconceito (sm): 1. Conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos necessários sobre um determinado assunto; 2. Opinião ou sentimento desfavorável, concebido antecipadamente ou independente de experiência ou razão; prevenção; 3. Superstição que obriga a certos atos ou impede que eles sejam praticados; 4. Atitude emocionalmente condicionada, baseada em crença, opinião ou generalização, determinando simpatia ou antipatia para com indivíduos ou grupos.

Sugestão de texto: MICHAELIS. Preconceito. In: Michaelis On-line: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2026.

Link: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/laWld/preconceito/>

29min54seg

Entre o texto constitucional e a omissão nas demarcações dos Territórios Indígenas (TIs). O Art. 231 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 — a Constituição Cidadã — estabelece que: “São reconhecidos aos índios a sua organização social, seus costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá - las, protegê - las e fazer respeitar todos os seus bens.”

Sugestão de texto: : BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

Link: [https://www.google.com/url?](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra%3Fcodteor%3D469704&ved=2ahUKEwiXptuZraaUAXUSIZUCHfouMroQFnoECBgQAQ&usq=AOvVaw1GWKti8eSrCAudz77GkB8H)

[sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra%3Fcodteor%3D469704&ved=2ahUKEwiXptuZraaUAXUSIZUCHfouMroQFnoECBgQAQ&usq=AOvVaw1GWKti8eSrCAudz77GkB8H](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra%3Fcodteor%3D469704&ved=2ahUKEwiXptuZraaUAXUSIZUCHfouMroQFnoECBgQAQ&usq=AOvVaw1GWKti8eSrCAudz77GkB8H)

32min16seg

Caminhos a percorrer para o diálogo com aqueles que foram silenciados. A educação não indígena deve oportunizar a abertura de espaços para povos e culturas silenciados/invisibilizados em vista dos processos de Colonização, trazendo outras vozes e narrativas historicamente silenciadas para a promoção de um debate qualificado e autêntico.

Sugestão de texto: FIGUEIREDO, Daniela Ghislén. Por uma Pedagogia Decolonial a partir dos Pensamentos de Paulo Freire e Catherine Walsh/Dissertação; Orientador Mairon Escorsi Valério. Erechim, 2021.

Link: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/4715>



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

CONSIDERAÇÕES, QUE NÃO SE TENHAM COMO FINAIS

A elaboração deste Guia Prático, por meio do qual se apresenta o Produto Educacional "O Documentário como mediador do currículo escolar indígena no Agreste alagoano", representa um esforço contínuo para ressignificar o ensino da História e da Cultura dos Povos Indígenas localmente.

A inquietação inicial — evidenciada pelo distanciamento histórico entre as escolas não indígenas e as comunidades tradicionais, como o povo Tingui-Botó em Feira Grande/AL — demonstrou que a efetivação da Lei n.º 11.645/2008 exige muito mais do que o cumprimento de uma obrigatoriedade legal. Implica, sobretudo, a construção de pontes e o fomento voltado a um diálogo propositivo entre a sala de aula e os saberes tradicionais de comunidades indígenas historicamente silenciadas/invisibilizadas em detrimento dos processos de Colonização às quais foram submetidas.



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

08. O DESFECHO

Nesse percurso, fundamentado na pesquisa-ação, buscamos não apenas compreender a realidade escolar e microsocial, mas atuar de forma participativa para, de algum modo, tensionar os saberes inerentes à oferta de um currículo escolar cada vez mais decolonial. Ao envolver estudantes do Ensino Médio Integrado e fomentar o protagonismo às vozes de indígenas egressos/as e de especialistas locais, a pesquisa ultrapassou a simples coleta/geração de dados, promovendo, com isso, uma ação política no contexto educacional local.

O Documentário, na condição de Produto Educacional, revelou-se um recurso pedagógico potente e inovador. Como

explorado neste Guia, a obra audiovisual transcende a exposição conteudista; ela estimula a capacidade perceptiva e cognitiva dos/as estudantes, permitindo uma imersão didática nas temáticas abordadas. Mais do que um registro visual, o documentário atuou como uma forma de mediação de um currículo possível, especialmente, no ensino de História, oferecendo um olhar mais acurado sobre a contemporaneidade das comunidades indígenas e o fortalecendo de suas narrativas a partir de suas próprias vozes.

Por fim, a aplicação da Sequência Didática evidenciou que é possível articular os cânones curriculares com as cosmologias indígenas, promovendo um debate embasado na interculturalidade crítica.

Esperamos que este Guia Prático e o Documentário sirvam como ferramentas para o suporte pedagógico a outros/as docentes — especialmente os de História, Arte e Literatura — na construção de práticas pedagógicas compromissadas, como vimos a insistir, com a valorização da diversidade, com o combate aos estereótipos e com o reconhecimento histórico das comunidades indígenas locais.

**É NISSO QUE TEMOS INSISTIDO!
AGRADECEMOS POR TER CHEGADO
ATÉ AQUI.**

REFERÊNCIAS

O ACERVO DOCUMENTAL E TEÓRICO DO PROJETO.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, Djane Fernandes; NUNES, Jefferson Veras. O uso de documentários como ferramenta didática no ensino de Biblioteconomia. Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 47-62, 2018. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/110>. Acesso em: 3 nov. 2024.

BEZERRA, Ada Augusta Celestino; TANAJURA, Laudelino Luiz Castro. Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas. Revista Eletrônica Pesquiseduca, Santos, v. 07, n. 13, p. 10-23, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/408>. Acesso em: 1 set. 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei Federal nº 11.645, de 10 de março de 2008. Brasília, DF, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 26 ago. 2024.

BRINGMANN, Sandor Fernando; GÖTTERT, Marjorie Edyanez dos Santos. O ensino de história indígena através de narrativas indígenas: reflexões a partir da interculturalidade crítica e da decolonialidade. Sobre Tudo, v. 12, n. 1, p. 55-90, 2021. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sobretudo/article/view/4764>. Acesso em: 01 mar. 2024.

CAMPOS, Elias Roberto. A Importância da Palha do Ouricurizeiro na Cultura Tingui Botó. Licenciatura Indígena em História - CLIND. Universidade Estadual de Alagoas - Uneal - Palmeira do Índios, 2025.



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026



CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa; SANTOS, Gustavo Correia dos. O ensino médio integrado na Base Nacional Comum Curricular: reflexões acerca de uma formação omnilateral e decolonial de Língua Espanhola. *Vértices, Campos dos Goytacazes*, v. 24, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6257/625772431010/html/>. Acesso em: 1 set. 2024.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. *Evidência, Araxá*, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em: [Acesso](#). Acesso em: 1 set. 2024.

CORREIA, Bruna Gomes. UEPS como elemento facilitador da aprendizagem significativa dos microrganismos no ensino médio. 2020. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

FIGUEIREDO, Daniela Ghisleni. Por uma Pedagogia Decolonial a partir dos Pensamentos de Paulo Freire e Catherine Walsh /Dissertação; Orientador Mairon Escorsi Valério. Erechim, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2021.

KAUFMANN, Jean-Claude. A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

LIMA, Lucas Gama; OLIVEIRA, Amanda da Silva de; MIRANDA, Anderson Ribeiro. Indígenas, terra e território em Alagoas: uma análise geográfica da atualidade da resistência. *Revista de Geografia, Recife*, v. 36, n. 1, p. 133-153, 2019. <https://doi.org/10.51359/2238-6211.2019.236631>. Acesso em: 14 set. 2025.

LOPES PEIXOTO, José Adelson; PEREIRA CAMPOS, Zuleica Dantas. Educação, direito e identidade: Licenciatura Intercultural Indígena em Alagoas – CLIND-AL. Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 96–121, 2022. DOI: 10.26694/rev.v4i1.10234. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/entrierios/article/view/5186>. Acesso em: 4 dez. 2025.

LUIZ, Edvaldo. A educação escolar indígena entre os Tingui-Botós. 2020. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Arapiraca, 2020.

LUCIANO, Gersem dos Santos. O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MICHAELIS. Preconceito. In: Michaelis On-line: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2026. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/laWId/preconceito/>. Acesso em: 7 maio 2026.

PENAFRIA, Manuela. Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo. [S. l.: s. n.], 1999. Disponível em: [Acesso](#). Acesso em: 3 nov. 2024.

RHODEN, V.; SILVA, J. D. da; OLIVEIRA, V. M. F. de. O documentário como instrumento na educação para combater o preconceito de gênero: o caso de Maria Luisa. Holos, v. 1, p. 1–11, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15628/holos.2019.7789>. Acesso em: 3 set. 2024.

RIZZATTI, Ivanise Maria; MENDONÇA, Andrea Pereira; et al. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. Actio: Docência em Ciências, v. 5, n. 2, p. 1–17, 2020. Disponível em: [Acesso](#). Acesso em: 6 jul. 2024.

ROCHA, Fabio Gomes; NASCIMENTO, Bruno Alves Reis; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Um modelo de mapeamento sistemático para a educação. Cadernos da Fucamp, v. 17, n. 29, p. 1–6, 2018.

RUFINO, Luiz. Exu e a pedagogia das encruzilhadas. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, Rio de Janeiro – RJ, 2017.



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguiboto, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026

REFERÊNCIAS (CONCLUSÃO)

SANTOS, Lídia Maria da Silva. Vida e formação na educação profissional e tecnológica de nível médio (Guia Educativo). Maceió: Instituto Federal de Alagoas, 2025.

SILVA, Eré Batista da. Associação de Jovens Produtores Indígenas Tingui-Botó: história e perspectivas de coletividades. Universidade Estadual de Alagoas, Trabalho de Conclusão de Curso. Palmeira dos Índios, 2025.

SILVA, Eniel Roberto da. Território Indígena Tingui-Botó: características geográficas, culturais, ambientais e econômicas. Universidade Estadual de Alagoas, Trabalho de Conclusão de Curso. Palmeira dos Índios, 2025.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva; SILVA, Valdo Sousa da. Conhecimentos tradicionais versus conhecimentos científicos? Em defesa de uma educação que religue os saberes. Educação Profissional e Tecnológica em Revista, Vitória, v. 5, n. Especial: Saberes dos Povos e Comunidades Tradicionais na composição da EPT, p. 4-22, 2021. Disponível em: [Acesso](#). Acesso em: 7 mar. 202

TEAO, Kalna Mareto. Ensino de história indígena: algumas reflexões. Anais do VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est, 2011. Disponível em: [Acesso](#). Acesso em: 15 jan. 2025.

TEAO, Kalna Mareto. Sociodiversidade indígena no Brasil: onde estão e quais são os povos indígenas. In: VELTEN, Paulo (Org.). Culturas e história dos povos indígenas. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2011.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: [Acesso](#). Acesso em: 1 set. 2024.

URQUIZA, Antonio Hilario Aguilera. Os povos indígenas e a educação decolonial. Eventos Pedagógicos, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 400-407, 2022. DOI: 10.30681/rep.v13i3.10654. Disponível em: [Acesso](#). Acesso em: 8 maio. 2026.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Penso, 2010.



Imagem retirada do perfil do Instagram @ajpitinguibota, cedida ao pesquisador para fins de elaboração do Produto Educacional, 2026



COSMOLOGIAS INDÍGENAS
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA



O DOCUMENTÁRIO COMO MEDIADOR DO CURRÍCULO ESCOLAR INDÍGENA

Este Guia Prático representa um esforço contínuo para ressignificar o ensino da História e da Cultura dos Povos Indígenas. Ao fomentar um diálogo propositivo entre a sala de aula e os saberes tradicionais, propõe a construção de pontes para uma educação decolonial, tendo o **povo Tingui-Botó do Agreste alagoano como protagonista de suas próprias narrativas.**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (PROFÉPT)
IFAL - CAMPUS BENEDITO BENTES**